

RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO, BELO HORIZONTE E VITÓRIA

GUIA CULTURAL - REGIÃO SUDESTE

câmara
cultura
ANO VIII
Nº 18

Terra da Garoa
O melhor da cultura à
espera dos turistas

**Cidade
Maravilhosa**
De abraços abertos
para receber
os visitantes



Delícia de Ilha
Capital do ES esbanja
beleza e infraestrutura

Cidade Jardim
BH encanta com sua
arquitetura e natureza

O MELHOR DO SUDESTE

Geograficamente, o Sudeste nem é tão grande assim. Mas é a região mais populosa do país e, também, a mais próspera. E, diante de tamanho desenvolvimento, um fato não poderia ser diferente: suas capitais oferecem modernidade e uma infraestrutura excelente para receber turistas não só do Brasil, mas de todo o mundo. Quem visita o Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Vitória pode ter certeza de que desfrutará de uma viagem inesquecível, mergulhando em muita cultura e belezas naturais.

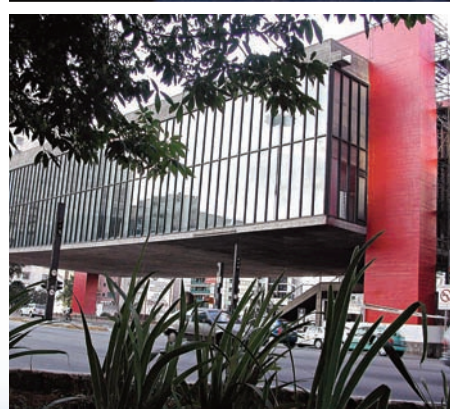
O Rio de Janeiro, por exemplo, faz jus ao título de Cidade Maravilhosa. Suas montanhas, lagoas e praias, além de sua incrível floresta urbana, são deslumbrantes. E o melhor: toda essa natureza se encontra em perfeita harmonia com a vida urbana. Assim, ir ao Corcovado e ao Pão de Açúcar é obrigatório, mas há muitos outros passeios a se fazer no Rio. Usufruir de sua modernidade, ao mesmo tempo que se toma uma água de coco na praia, deixa os visitantes encantados.

São Paulo também encanta. Em meio a seus arranha-céus, ainda se encontram parques que dão o equilíbrio e o verde necessários à vida agitada do paulistano. Mas, sem dúvida, usufruir do banho de cultura que Sampa proporciona é o melhor presente ao visitante. Em seus inúmeros museus, por exemplo, dá para passear desde a época do Brasil colonial até o país do futuro, graças a exposições para lá de interativas. São Paulo é a cidade mais superlativa do Sudeste e, com certeza, vai exigir mais de uma visita para que se desfrute de tudo o que ela tem a oferecer.

Já Belo Horizonte surpreende por ser a recordista em árvores urbanas do país, as quais dão um toque especial à arquitetura incrível dessa cidade planejada. Oscar Niemeyer e Burle Marx assinam diversas obras do local, fazendo de BH um verdadeiro museu a céu aberto. E Vitória, uma das capitais ilhas do Brasil, deixa o visitante boquiaberto com a comunhão entre a água azul do mar e suas inúmeras pontes de design arrojado.

Prepare as malas, então, e embarque nesta viagem ao Sudeste. Vire as páginas e se encante com o que as quatro capitais podem proporcionar.

Ana Lúcia Prôa



O Guia Cultural Região Sudeste é uma publicação da Câmara de Cultura

**câmara
cultura**

Câmara de Cultura

Ano VIII - Nº 18 - ISSN Nº 2177-6296-018

Tel.: Rio de Janeiro (21) 2487-4128

Tel.: Mangaratiba (21) 2780-2055

Cels.: (21) 8197-6313 / 8549-1269 / 9478-9991

cultura@camaradecultura.org

www.camaradecultura.org

O Guia Cultural Região Sudeste
(Rio de Janeiro, São Paulo,
Belo Horizonte e Vitória) não se responsabiliza
pelos conceitos e opiniões em matérias
e artigos assinados.

Regina Lima Diretora Executiva

MTB Nº 31.401/RJ

Marta Souza Lima Diretora Adjunta

MTB Nº 31.982/RJ

Ana Lúcia Prôa Jornalista e Editora

MTB Nº 17491/RJ

Sidney Ferreira Editor de arte

Henrique Cortez Revisor

MTB Nº 31.402/RJ

Tiragem desta edição 20.000 exemplares

Foto de Capa

Divulgação / Riotur / Secretaria de Turismo da Cidade de
São Paulo / Belotur / Prefeitura de Vitória

ÍNDICE

Rio de Janeiro	4
São Paulo	12
Belo Horizonte	20
Vitória	26
Corredor Cultural	30



GESTÃO NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

CAC

16 anos atuando no mercado imobiliário na Cidade Maravilhosa.



ADMINISTRAÇÃO, LOCAÇÃO E VENDA DE IMÓVEIS DE ALTO PADRÃO EM TODO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

Suporte na locação para executivos e expatriados.

Dispomos de um departamento jurídico especializado em Direito Imobiliário.



CJ-4858-0



ATENDIMENTO BILÍNGUE

☎ 55 21 3178.3950 55 21 2221.6098 55 21 9908.4494
www.cacimoveisrj.com.br

Rio de Janeiro

Imagine que deslumbramento devem ter sentido Gaspar de Lemos e os outros navegadores portugueses que compunham sua expedição quando adentraram, em 1º de janeiro de 1502, a atual Baía da Guanabara. Só que, para eles, aquelas águas do Oceano Atlântico nada mais eram do que um rio. Por esse motivo, deram o nome de Rio de Janeiro à bela localidade que haviam acabado de descobrir.

Nesses tempos, contudo, a exuberante paisagem brasileira só despertava um único interesse nos europeus: a exploração comercial. Assim, apesar de a região ter sido inicialmente desbravada por Gaspar de Lemos, foram os franceses quem nela se estabeleceram primeiro, com o intuito de explorar suas riquezas madeiras. Mas não foi tão fácil assim... Os portugueses também partiram para a extração de madeira, nascendo, assim, uma disputa comercial entre as duas nações.

Para tentar a supremacia, em 1555, colonos franceses liderados por Villegagnon tentaram fundar, às margens da baía, uma colônia: a França Antártica. Porém, o intuito não rendeu bons frutos. Em 1560, os portugueses vieram com tudo na luta por aquelas

terras. Foram muitos anos de batalhas até que conseguissem expulsar os franceses. E, para fortalecer os combatentes portugueses, em 1º de março de 1565, Estácio de Sá fundou ali a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Era, então, uma pequena vila com ruas irregulares e estilo português medieval. Seu esforço deu certo: dois anos depois, já não havia mais um francês sequer na região.

BAÍA DA GUANABARA: PONTO ESTRATÉGICO

Se hoje o que mais se vê na Baía da Guanabara são inúmeros barcos prontos para regatas ou, simplesmente, para curtir um passeio de domingo por suas águas, no século XVII a história era outra. A baía tinha uma posição estratégica na cidade fundada por Estácio de Sá: transformar-se em zona portuária e comercial, a fim de levar

as riquezas brasileiras para Portugal. Por outro lado, foi a partir daí que a população começou a aumentar, trazendo prosperidade para a região.

Porém, no fim do século XVII e início do XVIII, a descoberta de ouro em Minas Gerais fez com que o Rio de Janeiro se transformasse em uma ponte perfeita entre as minas e a Europa. Mas, no final do século XVIII, com a redução da extração de ouro, a cidade viveu uma crise econômica. A solução veio com o cultivo do café e com a chegada da Família Real ao Brasil, em 1808, fugida da invasão francesa a Portugal, fugida da invasão francesa a Portugal. Dom João VI, dona Carlota Joaquina, seus filhos e súditos, então, se estabeleceram no Rio, dando vida nova à região. Era chegado o momento do progresso. Nessa época, foram construídas igrejas, palácios, ferro-

Os caminhos para se tornar maravilhosa

Todo mundo conhece essa cidade por seu apelido. Mas, até ser realmente uma Cidade Maravilhosa, seus habitantes precisaram vencer batalhas, epidemias e uma série de deficiências. Valeu a pena! O Rio, sem dúvida, desperta paixões em seus visitantes.

vias... Começaram a aparecer as primeiras indústrias no Centro da cidade e os transportes com tração animal. O Rio de Janeiro, finalmente, passou a fazer jus ao título de capital do Brasil.

Dom João VI também trouxe o crescimento cultural. Entre suas criações, estão o Museu Nacional — hoje chamado Museu Nacional de Belas Artes —, a Biblioteca Real, a Escola Real de Artes, o Observatório Astronômico e a Imprensa Régia. A cidade também ficou mais bonita com a inauguração do Jardim Botânico, que até hoje é um dos pontos favoritos para cariocas e turistas passearem.

PREFEITO PEREIRA PASSOS MODERNIZOU A CIDADE

No século XIX, o Rio não fez outra coisa a não ser crescer. Porém, esse crescimento populacional desordenado trouxe graves consequências: problemas sanitários e habitacionais, muitas doenças e falta de água e de emprego. No Centro, havia inúmeras habitações coletivas insalubres — os cortiços —, que era onde mais eclodiam as

epidemias de varíola, tuberculose e febre amarela. Nessa ocasião, o Rio de Janeiro tinha fama internacional de ser um porto sujo, ganhando o apelido de “cidade da morte”. Até que, em 1903, Francisco Pereira Passos tornou-se prefeito e fez da cidade um grande canteiro de obras.

Sua profunda reforma urbana buscava o saneamento, o urbanismo e o embelezamento. Foi assim, então, que o Rio foi ganhando ares de cidade moderna e cosmopolita. Pereira Passos criou avenidas, parques e um novo porto. E as casas sem condições adequadas de higiene foram demolidas, levando a população pobre a viver nos subúrbios. Ele também alargou ruas, permitindo o arejamento e a melhor iluminação do Centro, adotando, ainda, uma arquitetura de padrão superior.

Também sob sua administração, surgiram avenidas que ainda hoje fazem parte do cotidiano da cidade, como a Atlântica — que embeleza os bairros do Leme e de Copacabana, com suas pedras portuguesas fazendo o típico desenho de ondas —, a Beira-Mar (que fica aos pés do Aterro do

Flamengo) e a Avenida Central, que hoje se chama Rio Branco, mas mantém-se como dos principais centros econômicos e administrativos da cidade.

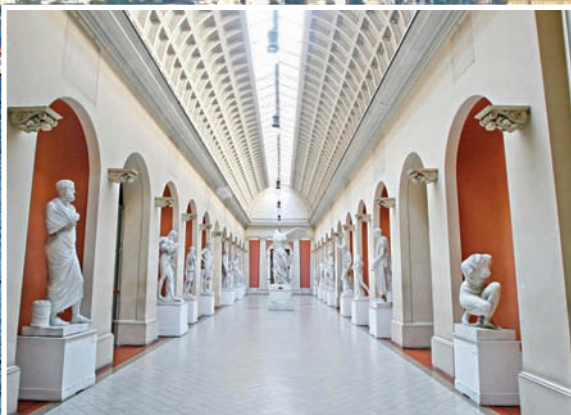
FINALMENTE, ELA MERECEU GANHAR SEU TÍTULO

Junto ao prefeito, outro nome auxiliava na modernização do Rio de Janeiro: Oswaldo Cruz. O sanitarista trouxe o controle das epidemias, deixando a cidade mais segura. Assim, após as obras de Pereira Passos e o trabalho de Cruz, o Rio perdeu o apelido de Cidade da Morte e ganhou o título de Cidade Maravilhosa.

Entre 1920 e 1950, viveu o seu maior esplendor, atraindo a visita de pessoas do mundo inteiro, interessadas em desfrutar de sua imagem romântica, seus cassinos e suas belezas naturais. Em 1960, porém, a cidade deixou de ser capital do país, quando o presidente Juscelino Kubitschek construiu Brasília. Mas isso em nada diminuiu o glamour do maravilhoso Rio, que se mantém como a segunda cidade mais importante do Brasil — e talvez seja a mais bonita!

Fotos: Divulgação/Riotur

Foi pela Baía da Guanabara (foto maior) que os portugueses chegaram. Da esq. para a dir.: Pereira Passos criou a Avenida Atlântica e Dom João VI deu o pontapé inicial no Museu Nacional de Belas Artes e no Jardim Botânico.



De braços abertos para o turista

Você quer praia? Nessa cidade, tem. Cachoeira? Tem também. E mais: lindos pontos turísticos, vida cultural agitada, programação noturna efervescente... O Rio, sem dúvida, está pronto para receber os visitantes mais exigentes, que serão recebidos com o abraço do Cristo Redentor.



Em 2007, todos ficaram conhecendo quais eram as sete maravilhas do mundo moderno. E, para orgulho dos brasileiros, lá estava ele: o Cristo Redentor. Não foi à toa: essa escultura de 38 metros de altura está posicionada no alto do morro do Corcovado, a nada menos do que 710 metros acima do nível do mar. Assim, quem chega ao Rio de Janeiro, costuma ter a visão dessa imponente estátua de várias partes da cidade, sempre com seus braços abertos. É como se quisesse abraçar cada visitante da Cidade Maravilhosa.

Ver o Cristo de longe já é muito bom. Mas pegar o trenzinho e ir até os seus pés é muito melhor. Em um agradável passeio montanha acima por dentro da Floresta da Tijuca, que dura 20 minutos, o turista tem a chance de ir apreciando a vista da cidade e, também, a vegetação de Mata Atlântica. E, quando chega ao monumento, não é mais

preciso subir os 222 degraus até o Cristo, como acontecia até 2005. Desde então, uma escada rolante facilita a visita. Lá do alto, a visão é de tirar o fôlego: veem-se praias, lagoa, montanhas, floresta... Uma natureza exuberante em perfeita comunhão com a modernidade da cidade grande!

E por falar em floresta, ir ao Parque Nacional da Tijuca é outro passeio imperdível. Afinal, o Rio de Janeiro possui a maior floresta urbana do mundo. E nela se concentram diversos picos, como o próprio Corcovado, a Pedra Bonita — de onde corajosos saltam de asa delta — e a enigmática Pedra da Gávea, que parece ter um rosto esculpido. O parque conta com cachoeiras e trilhas, e, nos fins de semana, há passeios com guias.

NAS MONTANHAS E NA AREIA

Outro ícone carioca é o Pão de Açú-

car. Para se chegar a esse morro, toma-se um bondinho em uma estação na praia Vermelha, que, movimentando-se por um cabo de ferro, segue, primeiramente, até o Morro da Urca. Dali, já se tem um belo aperitivo do que se encontrará pela frente. Vale a pena dedicar alguns momentos passeando por esse morro, que oferece uma ótima estrutura para o turista.

A partir dele, é hora de pegar o segundo bondinho até a estação final: Pão de Açúcar, que está a 396 metros do nível do mar. Lá do alto, a visão é de 360°, sendo possível admirar as praias do Flamengo, do Leme, de Copacabana, de Ipanema e do Leblon, a Pedra da Gávea, o Corcovado, a Baía da Guanabara com a enseada de Botafogo, o Centro da cidade, a ponte Rio-Niterói e muito mais.

Após ter visto tantas belezas do alto, é imprescindível ir conferi-las de perto. As



Foto: Divulgação/Riotur

No alto do morro do Corcovado,
a suntuosidade da estátua
do Cristo. Abaixo, o pôr-do-sol
na praia de Ipanema.

praias cariocas são um convite não só ao mergulho, mas também à contemplação de mais belezas naturais. Passear pelo calçadão de Copacabana é uma boa pedida, sentando-se em um dos quiosques para beber uma água de coco. E ir à praia de Ipanema é puro charme, de onde se aprecia o belíssimo Morro Dois Irmãos. Já na hora do pôr-do-sol, a dica é caminhar até a praia do Arpoador, sentar-se em suas pedras e, quando o sol mergulhar no mar, fazer um gesto típico dos cariocas: bater palmas àquele espetáculo da natureza.

Outro ponto turístico encantador é a Lagoa Rodrigo de Freitas. A prática de esportes ao seu redor é comum na rotina dos cariocas. Mas o turista não precisa suar uma gota se quiser tirar proveito desse recanto: é só sentar-se em um de seus decks ou quiosques e ficar admirando a lagoa e as montanhas à sua volta. Porém, um pouco

de exercício também será bem-vindo: basta alugar uma bicicleta, para percorrer os 7,5 km em volta da lagoa, ou um pedalinho, para singrar por suas águas.

MUSEUS PARA TODOS

O Rio também é famoso por sua efervescência cultural. Na Cidade Maravilhosa, é possível curtir inúmeros museus — inclusive, o recém-criado Museu de Arte do Rio (leia mais sobre ele na pág. 9). Pode-se escolher entre os tradicionais — como o Museu Nacional de Belas Artes, com obras de artistas dos séculos XIX e XX —, os que focam na ciência — como o Museu Nacional, que tem peças da história natural e antropológica — e os que primam pela modernidade, como o Museu de Arte Moderna (MAM), que expõe a produção de vanguarda brasileira.

Para conhecer um pouco mais sobre a história do Brasil, a dica é visitar a Ilha Fiscal, onde ocorreu o último baile do Império, alguns dias antes da Proclamação da República, em 1889. O castelo, aberto à visitação, tem como destaques o Torreão, com o relógio alemão de quatro faces e o piso em mosaico feito com 14 tipos de ma-

deiras nobres brasileiras, e a Ala do Cerimonial, composta por uma sala de estar e uma sala de jantar. Para mais informações sobre os museus na cidade, acesse www.museusdorio.com.br.

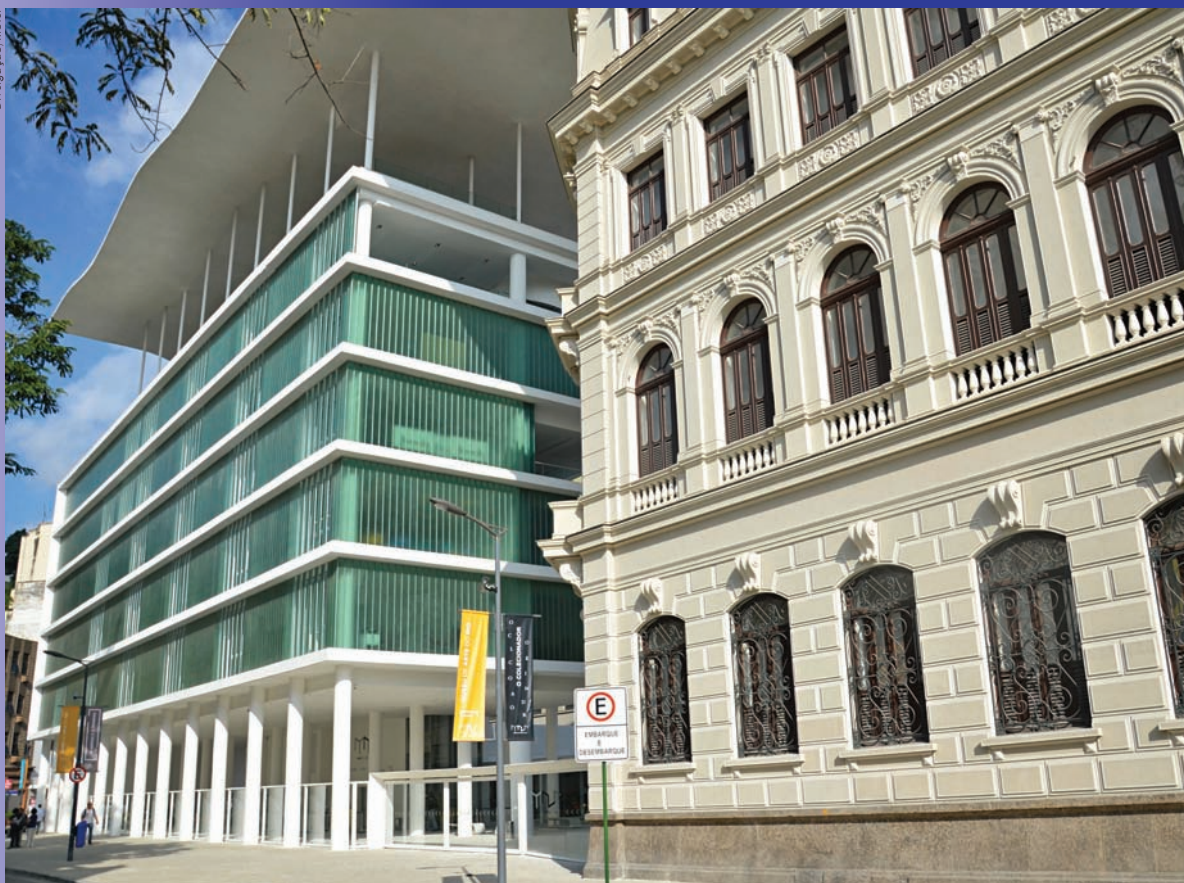
A diversão carioca também é das mais animadas. E nem é preciso gastar muito. O turista pode mergulhar nas tradições nordestinas na Feira de São Cristóvão — para dançar o legítimo forró e apreciar pratos típicos a preços módicos —, curtir uma boa roda de samba na Lapa — bairro que encanta pelos famosos Arcos e, também, pela Escadaria de Selaron, com degraus decorados por azulejos — ou tomar um chope gelado em um dos barzinhos da orla. Mas há também boates, restaurantes sofisticados, shopping centers, ótimos espetáculos em cartaz... Boa programação é o que não falta!

Caminhar pelas ruas do Rio, por si só, já é um superprograma. Pelo Centro, dá para apreciar fachadas de igrejas antigas e até suntuosas, como a Candelária. Da Zona Norte à Zona Sul, há sempre o que fazer. E não se pode deixar de lado um típico jogo de futebol no Maracanã. Assim, conhecer o Rio de Janeiro vai ser um verdadeiro gol de placa.



Rio de Janeiro

Divulgação/Riotur



À direita, o moderno Museu de Arte do Rio se integra ao Palacete Dom João VI. Abaixo, como ficará a Praça Mauá sem o Elevado da Perimetral.



Divulgação: Porto Maravilha

A NOVA PRAÇA MAUÁ

Todo carioca que se preze sabe que passar pela Praça Mauá exige atenção redobrada, para que a bolsa não seja roubada. De noite, então, nem pensar caminhar por esse trecho do Centro da cidade, localizado no início da avenida Rio Branco e da zona portuária. Só que agora os moradores do Rio de Janeiro estão esperançosos de que esse point – que já foi tão tradicional ao longo da história da cidade – volte a ter seus dias de paz e glória. Isso se deve ao projeto Porto Maravilha, que está revitalizando a região.

O projeto bem poderia ter saído da cabeça engenhosa de Pereira Passos, o prefeito que transformou o Rio em um canteiro de obras no início do século XX. Afinal, as mudanças estão sendo realmente radicais. Entre elas, demolir o pavoroso viaduto que corta a avenida Perimetral, mais conhecido como Elevado da Perimetral, construído em 1960. Graças a esse viaduto, a região transformou-se apenas em um trecho de passagem, relegando para segundo plano o seu valor histórico e cultural.

O PASSADO GLORIOSO

A Praça Mauá, no final do século XIX e início do XX, foi um importante local de importação e exportação. E, na primeira metade do século XX, chegou a ser frequentada pelas elites, durante a era dos grandes transatlânticos. No final da década de 1930, se tornou o centro das atenções com a construção do edifício do jornal A Noite, com 22 andares, altíssimo para a época. A região também ganhou os holofotes no auge da era do rádio, quando a Rádio Nacional se instalou nesse mesmo edifício.

Só que, com o passar dos anos, esse panorama foi mudando. Nas últimas décadas do século XX, a Praça Mauá tornou-se referência de frequência marginal à sociedade, com muitas boates para marinheiros. E mesmo tendo sido construído, em 1965, o Píer da Praça Mauá, ele não durou muito, sendo desativado no final do século XX.

E, assim, a região portuária entrou em um estado de grande degradação. Os prédios de valor arquitetônico foram abandonados e deteriorados, as redes de esgoto e drenagem deixaram de funcionar adequadamente e até a iluminação pública se tornou problemática – um prato cheio para os roubos noturnos.

O PRESENTE E O FUTURO

Mas, desde 2009, tudo está mudando. E para melhor. O projeto Porto Maravilha vem reestruturando ruas, praças e avenidas de toda a área ao redor da Praça Mauá, abrangendo 5 milhões de metros quadrados. A previsão é que toda a região seja transformada até 2016. O auge

das mudanças é a construção do Museu do Amanhã, com inauguração prevista para 2014. Porém, antes dele, outra obra importante já está em pleno funcionamento: o Museu de Arte do Rio (MAR).

O MAR foi instalado de forma integrada com o Palacete Dom João VI (construído no início do século XX) e com o antigo prédio do Hospital da Polícia Civil, que foi todo reformado. O museu tem a proposta inicial de funcionar dia e noite, integrando-se à nova e saudável vida noturna da revitalizada zona portuária. No entanto, isso ainda não acontece... O horário de visitação é das 10 horas às 16h30. O MAR também não possui um acervo próprio, constituindo-se em um espaço para mostras e exposições variadas.

A grande expectativa, contudo, é a finalização das obras do Museu do Amanhã, cuja arquitetura foi concebida pelo arquiteto espanhol Santiago Calatrava. O espaço vai explorar variedades do amanhã nos campos da matéria, da vida e do pensamento, além de debater questões como mudanças climáticas, crescimento e longevidade populacionais, integração global, aumento da diversidade de artefatos e diminuição da diversidade da natureza.

O Museu do Amanhã está sendo erguido no Píer Mauá, em meio a uma área verde de 30 mil m², com jardins, espelhos d'água, ciclovia e área de lazer. O prédio terá 15 mil m² e arquitetura sustentável – por exemplo, a água da Baía da Guanabara será utilizada na climatização do interior do museu e reutilizada no espelho d'água. No telhado da construção, grandes estruturas de aço, que se movimentam como asas, servirão de base para placas de captação de energia solar.

Imagine essa maravilha, então, ainda mais bela quando o Elevado da Perimetral não existir mais... Essa realidade está a cada dia mais próxima. E, assim, certamente, os visitantes da cidade do Rio de Janeiro terão outro ponto turístico que farão questão de visitar: a nova Praça Mauá.

Divulgação/Porto Maravilha



O protótipo do Museu do Amanhã, que está sendo construído com uma arquitetura sustentável. Fica pronto em 2014.



O Barra World traz incríveis réplicas de monumentos, como a Torre Eiffel, a Torre de Pisa, a esfinge e um castelo alemão.



Um Shopping com o melhor de todo o mundo

Que tal assistir a uma peça infantil ou a um show bem pertinho da Torre Eiffel ou da Torre de Pisa? E isso sem sair do Rio de Janeiro! Na Barra da Tijuca, você pode fazer isso.

Um capítulo à parte nas atrações turísticas do Rio de Janeiro diz respeito a seus shopping centers. Por toda a cidade, o visitante irá encontrar ótimas opções de compras nesses conglomerados comerciais. Mas, para quem está viajando com crianças — ou para quem mantém o espírito de criança, mesmo já sendo adulto —, a ótima opção para unir compras, lazer e cultura é o Shopping Barra World, que fica na Barra da Tijuca, vizinho ao Rock in Rio e ao Parque Olímpico das Olimpíadas de 2016.

O Barra World é o primeiro shopping temático do mundo, reproduzindo, em sua arquitetura, os principais monumentos de vários países. É como se fosse um pedacinho do mágico Epcot Center, da Disney, no coração do Rio de Janeiro. Assim, o visitante pode fazer suas compras em meio a réplicas da Torre Eiffel, da Torre de Pisa, da esfinge — só ela, construída com 35 toneladas de argamassa! —, da Ponte de Londres, de um moinho da Holanda e de um castelo alemão. Há, também, um típico pagode japonês e o mundo árabe. Tudo isso é cultura! Inaugurado em maio de 2002, esse shopping é, de fato, um diferencial na cidade, tendo sido idealizado e erguido sob o comando de José Koury, com projeto dos arquitetos Sérgio Gattás e Sérgio Klein.

PROGRAMAÇÃO GRATUITA

Além de conter diversos pedacinhos do mundo em um só local, o Barra World tornou-se um dos shoppings favoritos das crianças, por oferecer, mensalmente, mais de 60 espetáculos e musicais inteiramente grátis. As princesas da Disney, por esse exemplo, estão sempre por lá. E, de terça a domingo, os pequenos visitantes podem não apenas assistir aos espetáculos teatrais como também tirar fotos com seus personagens favoritos. E, ainda, brincar no pula-pula, fazer maquiagem artística, ganhar balões... Tudo para agradar à criançada.

Mas os adultos — e mesmo quem não tem filhos — também têm diversão garantida. A partir das 21 horas, de quinta a domingo, há shows para o público adulto. Assim, basta sentar na Praça da Alemanha, pedir um chopinho e ouvir, sem pagar nada, uma boa música. O Barra World, portanto, é um shopping voltado para toda a família. Ao visitar o Rio de Janeiro, veja no site www.barroworld.com a programação da semana. Vai valer a pena conferir, na Avenida das Américas, km 14, Barra da Tijuca.



De terça a domingo, a criançada pode assistir, gratuitamente, a peças infantis, como Chapeuzinho Vermelho e A Princesa e o Sapo. Depois, pode tirar fotos com personagens como Cinderela, Branca de Neve, Bela e muitos outros.



Nasceu pela fé, cresceu pelo trabalho

A missão de catequização dos jesuítas foi o pontapé inicial para que essa cidade, localizada em um planalto distante do litoral, pudesse ser criada. Mas foi com o suor de seus habitantes, que buscaram ouro e plantaram cana-de-açúcar, e café que ela se tornou uma das maiores metrópoles da América Latina.

Hoje, São Paulo é a cidade brasileira mais importante e uma das maiores metrópoles da América Latina. Mas, nos primórdios da história do Brasil, ela custou a ter seu valor reconhecido. Isso porque, nos três primeiros séculos após sua fundação, foi uma cidade praticamente inexpressiva do ponto de vista político e econômico — tão diferente dos dias de hoje.

Foi apenas em 1532 que Martin Afonso de Sousa fundou, no litoral paulista, a primeira vila brasileira: São Vicente. Pouco a pouco, os portugueses foram vencendo as barreiras naturais da Serra do Mar para expandir o território. Assim, em janeiro de 1554, um grupo de jesuítas, comandado pelos padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, chegou ao planalto, com o objetivo de catequizar os índios da região. E, para tanto, ergueram um barracão de taipa de pilão, em uma colina alta e plana, localizada entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí.

No dia 25 de janeiro daquele ano, então, foi celebrada a primeira missa na colina — no mesmo dia em que, para os católicos, se comemora a conversão do

apóstolo Paulo ao cristianismo, vindo daí a inspiração para o nome da nova localidade. A celebração marcou o início da instalação dos jesuítas no local e entrou para a história como o nascimento da cidade de São Paulo. Dois anos depois, os padres ergueram uma igreja. Em seguida, construíram o colégio e o pavilhão com os aposentos. Dessas construções originais, resta apenas uma parede de taipa, onde hoje se situa o Pátio do Colégio, sítio arqueológico no Centro de São Paulo que é o marco do nascimento da cidade.

Foi ao redor do colégio que a cidade começou a ser formada. Ali, teve início uma pequena povoação de índios convertidos, jesuítas e colonizadores. E, em 1560, a população do povoado foi ampliada, quando, por ordem de Mem de Sá, governador-geral da colônia, os habitantes da vila de Santo André da Borda do Campo (na atual região do ABC paulista) foram transferidos para os arredores do colégio. O povoado, então, foi elevado à categoria de “vila” e ganhou o nome de Vila de São Paulo de Piratininga. Começava, assim, o crescimento dessa cidade que, até hoje, prospera sem parar.



O PROTÓTIPO DA CATEDRAL DA SÉ

No Brasil do século XVI, a organização urbana e a administração das vilas eram centradas nas paróquias. E, assim, São Paulo foi erguendo suas igrejas. A primeira foi a Freguesia da Sé, fundada em 1589, que foi o protótipo da Catedral da

Sé — hoje, a maior igreja paulistana. Muitas outras vieram, como a Igreja de Santo Antônio, de 1592 (ainda hoje existente na Praça do Patriarca) e a capela de Nossa Senhora da Assunção, por volta de 1600, que deu origem ao atual Mosteiro de São Bento.

Mesmo assim, o povo da localidade permanecia pobre, isolado das regiões mais dinâmicas da colônia e vivendo da agricultura da subsistência. Foi somente na segunda metade do século XVII que essa realidade começou a mudar, com a organização das bandeiras: expedições aos sertões inexplorados, em busca de mão-de-obra indígena, pedras e metais preciosos. Os bandeirantes enriqueceram e fizeram melhorias na vila. E, em 1690, foram os primeiros a descobrir ouro no Sertão do Cuieté, atual estado de Minas Gerais. O fato despertou a atenção do reino português sobre a vila. Como consequência, em 1709, São Paulo substituiu São Vicente como sede administrativa da capitania. Em 1711, foi elevada à categoria de cidade.

Porém, quando as jazidas mineiras começaram a se esgotar, o povo paulistano teve seu crescimento econômico estagnado. O governo encontrou uma saída para o problema ao incentivar o plantio da cana-de-açúcar e a criação de grandes fábricas de tecelagem e fundição. Assim, São Paulo voltou a prosperar e novas edificações foram erguidas. Entre elas, o Mosteiro da Luz, em 1774, a Igreja das Chagas do Seráfico Pai São Francisco (1787) e, em 1798, o Jardim Botânico (atual Jardim da Luz).

Ao longo do século XIX, graças à produção de cana-de-açúcar no interior do estado, a cidade tornou-se rota obrigatória para o escoamento do açúcar e, assim, desenvolveu o comércio. A cidade também foi palco de um acontecimento histórico importante, quando, às margens do rio Ipiranga, Dom Pedro I proclamou

a independência do Brasil. Após o "Grito do Ipiranga", São Paulo recebeu o título de "Imperial Cidade", outorgado pelo imperador, em 1823.

A partir daí, a cidade só fez prosperar, criando uma biblioteca, o primeiro periódico da cidade e a Faculdade de Direito do Largo São Francisco — a mais antiga instituição de ensino jurídico do país, ao lado da Faculdade de Direito de Olinda, ambas de 1827. A faculdade trouxe crescimento cultural à cidade, que passou a aglomerar acadêmicos, hotéis, restaurantes e núcleos artísticos.

CRESCIMENTO COM O CAFÉ

Em meados do século XIX, o café trouxe enorme crescimento a São Paulo, quando a cidade se tornou a principal exportadora do produto. Por conta disso, foram abertas várias ferrovias, interligando a cidade às principais áreas produtoras da província e ao porto de Santos. Até hoje, a Estação da Luz, criada em 1900, é o símbolo da prosperidade trazida pelo café. A cidade ganhou, também, casas exportadoras, bancos e edificações maiores e tipicamente urbanas, deixando para trás o casario baixo. Tudo começou a melhorar, desde o sistema de abastecimento de água e esgoto até a educação, com a inauguração de escolas.

Ao longo do século XX, a cidade teve um grande crescimento industrial, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial, quando houve uma crise na cafeicultura e restrições ao comércio internacional. Nos dias de hoje, contudo, outras regiões do país também são palco de um bom desenvolvimento industrial. Por conta disso, a cidade vem passando por um processo de transformação em seu perfil econômico, tornando-se um grande polo de comércio, serviços e tecnologia. E está sempre pronta para receber visitantes de todo o mundo, que se misturam, amigavelmente, a seus mais de 11 milhões de habitantes.

Pátio do Colégio:
sítio arqueológico,
no Centro de São
Paulo, que é o marco
do nascimento
da cidade.

São Paulo

Uma viagem só é pouco para o visitante dar conta de tantas atrações turísticas interessantes na cidade de São Paulo. Porém, não pode abrir mão dos passeios tradicionais, como ir ao Masp, ao Ibirapuera e, até mesmo, comer um pastel no Mercado Municipal.

Não é fácil ser turista em uma megalópole como São Paulo. Afinal, como decidir o que fazer em uma cidade imensa, que oferece atrativos sem fim? Para se ter uma ideia, ela conta com 280 salas de cinema, 180 teatros, 110 museus, 90 centros culturais, 79 shoppings e 12 mil restaurantes, com 52 tipos de cozinha de todas as partes do mundo. Ufa! Por onde começar o passeio? Seja por onde for, um fato é certo: não vai dar tempo de conferir todos esses programas. Por isso, visitar São Paulo deve ser encarado como um *menu* degustação, no qual se vai, aos pouquinhos, conhecendo o máximo que a cidade tem a oferecer. E, após experimentar os pratos principais, volta-se em outra oportuni-



História, diversão e arte por toda parte



O Mercado Municipal, construído em 1924, é um retrato da época áurea do café. Nele, hoje, os paulistanos fazem fila para saborear um super-recheado pastel.



Em São Paulo, tudo é superlativo. A rua 25 de março, por exemplo, é a mais movimentada do país. Por ela, passam 450 mil pessoas por dia.

de para novas e novas descobertas.

Vamos, então, aos pratos principais? Para começar, nada melhor para mergulhar no clima de vanguarda e agitação econômica-cultural do que passear a pé pela Avenida Paulista. No passado, ela servia de moradia para os barões do café, em ricos palacetes. Hoje, abriga empresas, bancos, consulados, hotéis, hospitais, restaurantes e uma série de edifícios com arquiteturas inovadoras. Um deles é a sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), inaugurado em 1979, mas que até hoje chama a atenção por sua fachada preta com desenho piramidal. E outro ponto marcante e imperdível na Paulista é o Museu de Arte de São Paulo (Masp), que merece uma visita demorada às suas salas de exposição que ostentam obras de Renoir, Monet, Manet, Cézanne, Toulouse-Lautrec, Van Gogh, Gauguin e Modigliani. Quem precisa ir à Europa quando se tem um acervo desses no Brasil?

Para continuar no clima cultural, a sugestão é visitar duas megalivrarias localizadas na Avenida Paulista: a Fnac e a Cultura — esta, no Conjunto Nacional,

um complexo comercial com vários tipos de lojas. Mas, em meio a tanto concreto, também há verde na Paulista. O Parque Trianon, que fica em frente ao Masp, foi inaugurado em 1892, juntamente à abertura dessa famosa avenida. Ele foi projetado pelo paisagista francês Paul Villon, mas, em 1968, passou por mudanças sob a batuta de Burle Marx. Atualmente, o Trianon conta com a única reserva remanescente de Mata Atlântica da região e atrativos como a estátua do Fauno, de Victor Brecheret, um viveiro de aves, fontes e chafarizes, sendo, de fato, um refúgio no meio da agitada Avenida Paulista.

UM MERGULHO NA HISTÓRIA

Embora o Masp seja um dos mais famosos museus de São Paulo, o visitante não deve se contentar apenas com ele. O Museu do Ipiranga, por exemplo, é outra excelente pedida. Ele foi construído de 1884 a 1890, sob o comando do arquiteto e engenheiro italiano Tommaso Gaudenzio Bezzi, no exato local onde ocorreu o evento histórico da Independência do Brasil. A belíssima e suntuosa construção é baseada nos palácios renascentistas,

cercada por jardins projetados por um paisagista belga e outro alemão. Em seu acervo, estão mais de 125 mil itens, como mobiliário, armas, pinturas, objetos indígenas e outros instrumentos, datados de 1500 a 1950. O forte, como não poderia deixar de ser, são as peças que possuem alguma relação com o período histórico comandado por Dom Pedro I, como o quadro “Independência ou Morte”, de 1888, do artista Pedro Américo.

Deixando o passado de lado, vale a pena mergulhar no mundo das letras, de uma maneira bastante interativa, no Museu da Língua Portuguesa. Embora esteja localizado na histórica Estação da Luz — construção de 1900, no auge da prosperidade cafeeira —, o espaço é bastante moderno, tendo sido inaugurado em 2006. Seu acervo inovador e predominantemente virtual combina arte, tecnologia e interatividade. Nas exposições, são utilizados objetos, vídeos, sons e imagens projetadas em grandes telas sobre a língua portuguesa. Logo na entrada, vê-se a “Árvore da Língua”, uma escultura com três andares de altura em que, nas folhas, surgem contornos de objetos e as raízes são formadas por palavras que deram origem ao português. A árvore pode ser visualizada quando o visitante usa o elevador de acesso aos outros andares com paredes transparentes.

Também no bairro da Luz, a dica é dar uma esticada até a Estação Pinacoteca, prédio que foi construído entre 1897 e 1900. Antes de ser um centro cultural, foi sede da administração da Estrada de Ferro Sorocabana e, na época da ditadura militar, deu lugar ao Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops) — onde o ex-presidente Lula ficou preso por 31 dias, em 1980. Hoje, felizmente, as agruras da ditadura deram lugar à arte. No seu acervo, estão esculturas de Lygia Clark. Mas diversos artistas fazem mostras temporárias no espaço.



A história da independência do Brasil pode ser conferida no Museu do Ipiranga. Sua arquitetura se baseia nos palácios renascentistas.

Divulgação/Secretaria de Turismo da Cidade de São Paulo

DE TUDO UM POUCO

A cidade de São Paulo também encanta pelo seu ecletismo. Por exemplo, se o visitante desejar ir às compras, poderá tanto buscar por pechinchas na tradicional rua 25 de março — a mais movimentada do país, por onde circulam, diariamente, cerca de 450 mil pessoas — quanto visitar a rota das grandes grifes internacionais na rua Oscar Freire e no Shopping Iguatemi. E como São Paulo concentra diversos imigrantes, é possível fazer uma viagem ao Japão, no bairro da Liberdade — o maior reduto da comunidade japonesa em São Paulo, com inúmeros restaurantes e lojas de presentes —, ou à Itália, no bairro do Bixiga, onde famílias de italianos oferecem as melhores massas em inúmeras cantinas.

Outra lenda viva da cidade é a Galeria do Rock, um grande centro comercial e

polo cultural da cidade com 450 lojas, que, como o nome já diz, vendem produtos relacionados ao rock'n roll. O edifício foi construído em 1963, projetado pelo arquiteto Alfredo Mathias. Mas se o visitante preferir músicas clássicas, melhor se dirigir para a Sala São Paulo, que fica no edifício da Estrada de Ferro Sorocabana. É uma das mais importantes salas de concertos e eventos do país, onde a Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) se apresenta. No site da Osesp ou nos jornais, encontra-se a programação dos espetáculos.

E aí vai mais uma dica: quando estiver pensando em visitar São Paulo, o turista deve, antes, buscar na Internet os shows e peças que estão em cartaz. Afinal, muitas vezes, grandes espetáculos só são apresentados nos palcos paulistanos, como certas montagens da

Broadway. E comprar o ingresso com antecedência será vital.

Já na hora de comer, não se pode ter preconceitos. Afinal, um dos programas típicos de quem vai a São Paulo é conhecer o Mercado Municipal e, lá, saborear um sanduíche de mortadela ou um delicioso pastel super-recheado. Também conhecido como Mercadão, vende de tudo: frutas, legumes, especiarias, charcutaria... Mas ele também guarda uma importância histórica: seu prédio data de 1924 e é considerado um retrato fiel da época áurea do café. Por outro lado, no almoço ou no jantar, saiba que terá à sua disposição um cardápio amplo de restaurantes para escolher. E não se pode esquecer: em São Paulo, come-se bem! Até mesmo uma simples pizza... — escolha uma entre as 6 mil pizzarias da cidade, sem chances de se arrepender.

IBIRAPUERA: O PULMÃO DA CIDADE

Imagine um oásis no meio de uma grande cidade, repleta de edifícios, asfalto, gás carbônico... Assim é o Parque Ibirapuera. Em uma visão aérea de São Paulo, lá está ele – em meio ao cinza das edificações –, com sua área de 1,584 km² e os seus três lagos artificiais, que, interligados, ocupam 15,7 mil m². Atualmente, inúmeras pessoas desfrutam diariamente desse verdadeiro pulmão paulistano, seja para fazer exercícios ou brincar com a criançada, seja para se sentar à beira de um dos lagos para contemplar a natureza, seja para desfrutar de uma de suas programações culturais.

Porém, nem sempre essa região foi assim tão paradisíaca. O nome “*ibirapuera*”, em tupi-guarani, significa “árvore apodrecida”, e foi dado pelos moradores de uma aldeia indígena que ocupava a região do parque, quando a área era alagadiça com solo de várzea. Com o passar do tempo, na luta contra a umidade, Manuel Lopes de Oliveira, um funcionário da prefeitura na década de 1920, começou a plantar eucaliptos australianos na região – e hoje, no parque, há um viveiro que leva seu nome, abrigando uma diversidade de plantas e orquídeas. Só que, ali, em 1950, também havia uma favela, onde as pessoas viviam em condições muito precárias.

Porém, as árvores plantadas nos anos 20 insistiam em crescer. Assim, em 1951, finalmente teve início o projeto de mudança daquela carente região para parque, como marco da comemoração dos 400 anos da cidade. O projeto arquitetônico ficou a cargo de Oscar Niemeyer e o paisagismo, que havia sido encomendado a Burle Marx, acabou sendo feito pelo engenheiro agrônomo Otávio Augusto Teixeira Mendes. Três anos depois, no ano do quarto centenário de São Paulo, finalmente o parque foi inaugurado.

Hoje, ele conta com ciclovia, pista para cooper, 13 quadras iluminadas e locais para um simples descanso. Tudo isso acoplado a um conjunto arquitetônico que inclui, por exemplo, o Museu de Arte Moderna de São Paulo, o Auditório Ibirapuera, o Obelisco Ibirapuera (símbolo da Revolução Constitucionalista de 1932), o Monumento às Bandeiras (em homenagem aos bandeirantes) e o Palácio de Exposições (também conhecido como Oca, por se assemelhar à moradia indígena).

Como se vê, o Parque Ibirapuera é um pedacinho muito especial da cidade de São Paulo. Um local onde é possível praticar esportes, respirar ar puro, apreciar exposições e agitos culturais diversos e, ainda por cima, ter contato com monumentos históricos. Para aproveitar ainda melhor esse espaço, visite o site www.parqueibirapuera.org, onde vai encontrar mapas, roteiros de apresentações e as mais diversas informações.



Ministério da Cultura apresenta
Banco do Brasil apresenta e patrocina

YAYOI KUSAMA

Obsessão infinita

Curadoria: Frances Morris e Philip Larratt-Smith

12 de outubro de 2013 a 5 de janeiro de 2014
CCBB Rio de Janeiro – Entrada franca

Rua 1º de Março, 66 – Centro • Quarta a segunda, das 9h às 21h

Informações: (21) 3808-2020 – bb.com.br/cultura  @ccbb_rj  /ccbb.rj

SAC 0800 729 0722 • Ouvidoria BB 0800 729 5678 • Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088



Realização

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA



Uma cidade muito bem planejada

Foi somente em 1897 que passou a constar, no mapa do Brasil, o município de Belo Horizonte, erguido para se transformar na capital de Minas Gerais. O projeto arquitetônico foi bem-sucedido: a localidade é um ótimo lugar para se viver e para passear.

Fazia pouco tempo que o Brasil tinha se tornado uma República, trazendo a descentralização federal e uma maior importância às capitais. E, nos anseios de crescimento da Nação, Ouro Preto — a então capital do estado de Minas Gerais — não contava com condições necessárias ao desenvolvimento físico urbano, devido à sua topografia montanhosa. Seria preciso encontrar outra cidade mineira para assumir o papel principal em Minas. Foi então que os governantes abriram seus olhos para uma planície ainda pouco habitada.

Mas, para contar essa história, é preciso voltar um pouco no tempo. As terras que hoje formam o estado de Minas Gerais atraíram, no final do século XVII, os bandeirantes, que procuravam ouro e pedras preciosas. Com os desbravadores, em 1701, chegou a essa região João Leite da Silva Ortiz, que fundou uma fazenda chamada “Cercado”, onde desenvolveu

uma pequena plantação e criou gado, com a ajuda de numerosos escravos. Ele deu início, assim, ao povoado “Curral Del Rei”, que recebeu esse nome graças ao curral ali existente, em que se reunia o gado destinado a pagar as taxas do rei, como era tradição na época.

O lugar era muito agradável, situado em uma planície cercada por uma serra. Surgiram novas fazendas e o arraial se desenvolveu em torno da Capelinha de Nossa Senhora da Boa Viagem, hoje Catedral da Boa Viagem. Nessa capelinha, os viajantes paravam para descansar e pedir a proteção da santa padroeira. Em homenagem a ela, o arraial passou a se chamar Freguesia de Nossa Senhora da Boa Viagem do Curral Del Rei, conhecida popularmente como Arraial de Curral Del Rei.

Voltemos, então, para o final do século XIX. Em 1893, quando surgiu a ideia de

se retirar a capital de Ouro Preto, o jurista Afonso Pena iniciou o processo de procura pelo local, nomeando uma comissão técnica, chefiada pelo engenheiro paraense Aarão Reis. Para a escolha da nova capital, foram pesquisados alguns arraiais, entre eles, São João Del Rei, Barbacena e Juiz de Fora. No entanto, o local escolhido oferecia condições ideais: estava no centro da unidade federativa, a 100 km de Ouro Preto, acessível por todos os lados embora circundado de montanhas, rico em cursos d'água, com clima ameno e a 800 metros de altitude. Esse lugar era Arraial de Curral Del Rei! O pequeno povoado, então, se tornaria a grande Belo Horizonte que conhecemos hoje. Mas, para tanto, foi preciso muito planejamento...

ARQUITETURA INSPIRADA EM GRANDES CIDADES

Sim, Belo Horizonte foi uma das primeiras cidades brasileiras a ser planejada e construída, bem antes do que a mais famosa cidade-planejada, Brasília. E o grande mentor da futura BH foi Aarão Reis. Sua missão era criar uma localidade de primeira, para abrigar cerca de 200 mil habitantes. Assim, ele se inspirou em cidades modernas do mundo, como Paris e Washington, adotando uma nova concepção estética urbana, com largas avenidas, ruas simétricas e arborizadas, bulevares,

praças, jardins e um moderno sistema de transportes.

As obras tiveram início em 1894, com prazo de cinco anos para serem concluídas. Para a concretização do projeto, o arraial de Curral del Rei foi completamente destruído, com a transferência de seus habitantes para outro local. E, hoje, do antigo arraial, restou apenas um casarão que abriga o Museu Histórico Abílio Barreto.

Três anos após o início das obras — portanto, dois anos antes do prazo oficial para o término —, nascia a nova capital. A festa de Inauguração aconteceu na Praça da Liberdade, no dia 12 de dezembro de 1897, data em que se comemora o aniversário de Belo Horizonte. Na época, passou a ser chamada de "A Cidade de Minas". O nome oficial de Belo Horizonte só foi adotado definitivamente quatro anos mais tarde, em 1901.

CONSTRUÇÕES MODERNAS E CAPRICADAS

Nas décadas seguintes, a nova cidade foi só se aperfeiçoando. De 1920 a 1930, os destaques foram as construções no estilo Art Nouveau, com formas irregulares, curvilíneas, delicadas, inspiradas em folhagens e flores. Nos anos 1940, as casas neocoloniais, com suas colunas imponentes, chegaram à cidade. Foi nessa época, também, que houve o avanço da

industrialização, surgindo muitas edificações de inspiração modernista, que ajudaram a definir a fisionomia da cidade. E, em 1943, houve uma importante inauguração: o Conjunto Arquitetônico da Pampulha, encomenda do então prefeito Juscelino Kubitschek. O conjunto reuniu os maiores nomes do modernismo brasileiro, com projetos de Oscar Niemeyer, pinturas de Portinari, esculturas de Alfredo Ceschiatti e jardins de Roberto Burle Marx.

Na década de 1950, a população da cidade dobrou, passando de 350 mil para 700 mil habitantes. Como resposta ao crescimento desordenado, o prefeito Américo René Gianetti deu início à elaboração de um Plano Diretor para Belo Horizonte. E, assim, na década de 1960, muitas demolições foram feitas e, em seus lugares, surgiram arranha-céus. Belo Horizonte ganhava ares de metrópole.

Já a década de 1980 foi marcada pela valorização da memória da cidade. Vários edifícios de importância histórica foram tombados. O fato é que, ao longo de todo século XX, Belo Horizonte foi se consolidando como uma das cidades mais importantes do Brasil, sempre preocupada com a qualidade de vida. E, agora, no novo milênio, a cidade continua se reinventando e se confirmando como uma cidade moderna e próspera, sempre pronta para receber os visitantes.



Dois monumentos arquitetônicos da cidade: a Igreja São Francisco de Assis e o Palácio da Liberdade.

A bela arquitetura da Praça da Liberdade é toda cercada por muito verde, como acontece em vários lugares da cidade.

Divulgação/Embratur

Arquitetura e jardins em um só lugar

Conhecer a capital de Minas Gerais permite que se desfrute de modernidade, mas sem aquele cinza do concreto, graças à perfeita comunhão com a natureza. E tudo isso, é claro, contando com a hospitalidade característica do povo mineiro.

Cidade grande é sinônimo de prédios, asfalto, poucas árvores... Não quando se trata de Belo Horizonte! A capital mineira exibe um perfeito equilíbrio entre a modernidade — com suas edificações de alto valor arquitetônico — e a natureza. Para se ter uma ideia, ela conta com o dobro de parques, áreas verdes preservadas e reservas naturais do que recomenda a Organização Mundial da Saúde. Belo Horizonte é uma das capitais mais arborizadas do país! É por isso que recebeu o título de “Cidade Jardim”. São aproximadamente 560 mil árvores — número que sobe para 2 milhões, quando considerados os parques e áreas de preservação. E, aos 27 parques que possui, acrescentam-se cerca de 500 praças e diversas áreas verdes.

Um dos cartões postais da cidade é o exemplo vivo dessa comunhão entre concreto e natureza: o Conjunto Arquitetônico da Pampulha — também chamado de Complexo da Pampulha. Tombado nas esferas

municipal, estadual e federal, está aguardando para receber, da Unesco, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. E não é para menos: ao redor de seu belo lago artificial, concentram-se o Museu de Arte da Pampulha (antigo Edifício do Cassino), a Casa do Baile e a Igreja São Francisco de Assis. E vale lembrar: a construção do complexo é obra da grandiosa dobradiça entre o arquiteto Oscar Niemeyer e o paisagista Burle Marx, juntamente da arte de Candido Portinari e Alfredo Ceschiatti. Essa atração turística é um dos símbolos do Modernismo brasileiro.

As linhas arredondadas da Igreja São Francisco de Assis simbolizam a ousadia de Niemeyer. O projeto é considerado um marco da arquitetura moderna do país e sua construção terminou em 1945. No exterior da igreja, há um painel de azulejos, em tons azuis, de autoria de Portinari, representando o santo. O pioneirismo das linhas curvas scandalizou o conservadorismo da

sociedade da época. As autoridades eclesiásticas não permitiram, por muitos anos, a consagração da capela por causa de sua forma inusitada e ao painel de Portinari no altar-mor.

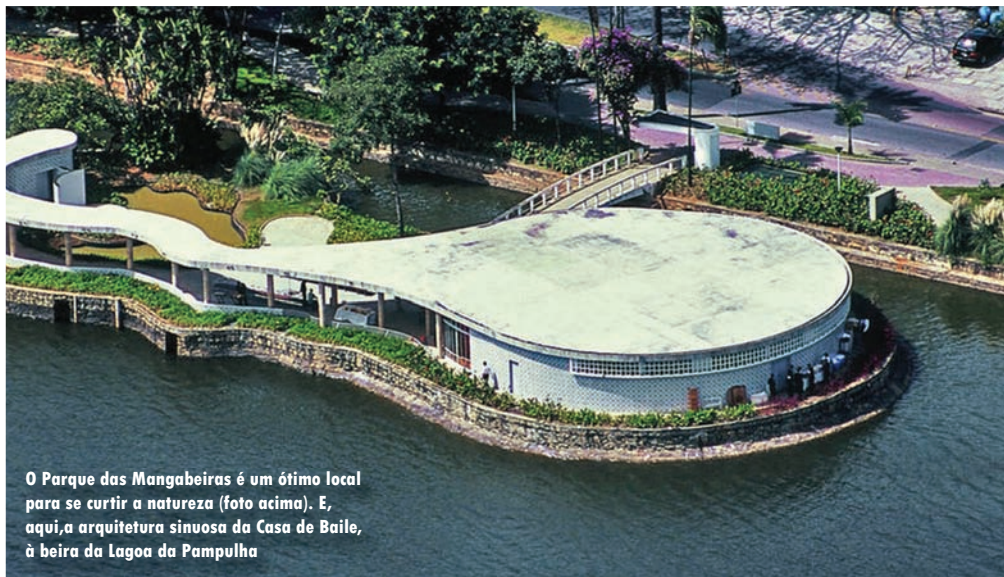
A Casa do Baile, finalizada em 1940, sintetiza conceitos peculiares das obras de Niemeyer em diferentes períodos. No prédio, as linhas tortas promovem a integração com uma ilha artificial que define os limites da lagoa. A planta da casa se desenvolve a partir de duas circunferências que se tangenciam internamente. Delas, desprende-se uma marquise sinuosa que tem a intenção de gerar a comparação com as curvas das margens da lagoa. Essa marquise é suportada por colunas que também contornam todo o volume circular.

Já o Museu de Arte da Pampulha foi o primeiro edifício a ser construído por Niemeyer com influência de Le Corbusier, principalmente na fachada em vidro. O prédio funcionou como cassino até 30 de abril de 1946, quando o general Gaspar Dutra proibiu o jogo no Brasil. Em 1957, passou a funcionar como museu. Hoje, em seu acervo, há cerca de 1.600 obras de arte moderna e contemporânea brasileira, entre pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, objetos, instalações, tapeçarias e audiovisuais.

SÍMBOLO DO PODER

Saindo da Pampulha e indo para o bairro Savassi, encontra-se outro cartão postal: a Praça da Liberdade. Ela foi concebida para ser o centro do Poder Executivo de Minas Gerais e, a partir de 1895, passou a abrigar os prédios do Palácio do Governo e Secretarias do Estado, em estilo eclético com influência neoclássica. Por esse motivo, tornou-se o símbolo do poder no século XIX. Ao longo de sua história, a praça incorporou novos edifícios com estilos arquitetônicos variados, como Art Decó, moderno e pós-moderno.

Como não poderia deixar de ser, toda essa arquitetura é entremeada por muito verde. A praça conta com jardins, lagos,



O Parque das Mangabeiras é um ótimo local para se curtir a natureza (foto acima). E, aqui, a arquitetura sinuosa da Casa de Baile, à beira da Lagoa da Pampulha

alamedas, fontes, coreto e monumentos. O traçado e os jardins, inspirados no Palácio de Versalhes, são um convite aos passeios e caminhadas. Outra boa pedida é simplesmente sentar-se em um de seus bancos e ficar admirando o incrível equilíbrio entre a paisagem e os detalhes arquitetônicos que compõem a Praça da Liberdade.

Para curtir ainda mais a natureza de Belo Horizonte, opções é que não faltam. Por exemplo, no Parque das Mangabeiras, um dos maiores parques urbanos da América Latina, é possível aproveitar a melhor visão da cidade para a Serra do Curral. E, estando no bairro das Mangabeiras, o visitante pode aproveitar e esticar até a Praça Israel Pinheiro — também chamada de Praça do Papa, já que o local foi visitado, em 1980, por João Paulo II —, de onde se tem uma visão privilegiada da cidade.

Já no Parque Municipal, é possível andar de pedalinho e fazer uma caminhada pela pista de cooper, com muito verde para ser admirado ao longo do percurso. E no Parque Ecológico Caiçara, além de pista para caminhada, equipamentos de ginástica, quadra poliesportiva e playground, pode-se contemplar a vegetação com mata ciliar e várias espécies nativas, como o cedro, ingá, louro-pardo, açoita-cavalo e jequitibá. Também são vistos micos, gambás e muitas aves, como sabiá, rolinha e pica-pau. E mais: o córrego Cascatinha passa pela reserva, enriquecendo o show da natureza.

CIDADE RESPIRA ARTE

Passear por Belo Horizonte também é garantia de respirar arte por tudo quanto é lugar. Não raro, em suas ruas, encontram-se músicos fazendo um som ou artistas,



Fotos: Divulgação/Porta BH

O Museu de Arte da Pampulha é uma das obras de Oscar Niemeyer na cidade.

como malabaristas. Na verdade, durante todo o ano, a cidade é palco de grandes espetáculos culturais, com um calendário repleto de eventos para todos os gostos. Há opção nas áreas de artes plásticas, mú-

sica, teatro, dança e literatura. Para poder conferir, o visitante, estando em BH, deve consultar os cadernos culturais dos jornais locais ou a agenda cultural no site www.belo Horizonte.mg.gov.br.

E se o turista gostar da vida boêmia, não pode deixar de conhecer o bairro de Santa Tereza. Ele tem a fama de ser um dos mais tradicionais redutos boêmios da cidade, graças às casas de serestas e bares. Pessoas ligadas à arte costumavam se encontrar para confraternizar, compor, dançar e cantar durante as madrugadas. Desses encontros, nasceram movimentos musicais e bandas famosas, como o Clube da Esquina, o Skank e o Sepultura. Indo a Santa Tereza, portanto, o visitante não apenas poderá aproveitar a animação do local, como também desfrutar de um pedacinho importante da história da música brasileira.

Enfim, conhecer Belo Horizonte proporciona um “horizonte” de boas oportunidades. Basta ter disposição para percorrer seus parques, museus, igrejas e bares. Definitivamente, quem vai à capital de Minas Gerais não esquece jamais!

BOTECOS E CACHAÇA: A FAMA DE BH

Existe um lema dito pelos mineiros: “BH, se não tem mar, vamos para o bar!”. Parece piada, mas faz sentido. Afinal, em 24 de junho de 2009, o prefeito Márcio Lacerda sancionou uma nova lei, que dizia em seu artigo 1º: “Fica o município de Belo Horizonte declarado Capital Mundial dos Botecos.” E ainda foi decretado um dia para se comemorar a data: o terceiro sábado do mês de maio! Também parece piada, mas não é. O motivo que levou à criação de tal lei é que Belo Horizonte conta com cerca de 12 mil estabelecimentos. Isso significa que há mais bares per capita do que em qualquer outra cidade do mundo.

E, nas mesas, uma bebida não pode faltar: a boa cachaça artesanal mineira, considerada Patrimônio de Minas Gerais. De fato, ela tem sua importância histórico-cultural na região: na época da descoberta do ouro, era essencial para que os desbravadores suportassem o frio das montanhas da região. Mais tarde, a cachaça percorreu a boca dos infidentes e da população que apoiou a Conjuração Mineira. A “aguardente da terra”, então, se transformou no símbolo da resistência à dominação portuguesa. Os anos se passaram e a bebida continuou sendo

a preferência dos mineiros, que foram aperfeiçoando seus sabores.

Em Belo Horizonte, a bebida é tão importante que possui até um roteiro especial, o Cachaçatur. Nele, constam os estabelecimentos especializados em cachaça que oferecem aos clientes um serviço completo, com informações sobre a bebida, vasta opção de marcas, menu degustação e coquetéis e pratos à base de cachaça. Para saber onde apreciar a bebida com toda essa sofisticação, acesse o site www.cachacatur.com.br.

O Bar Brasil foi fundado em 1942. É o bar oficial dos fãs do futebol, pois, em telões, são transmitidos os principais jogos desse esporte.



O NOBRE SABOR DA CACHAÇA ORGÂNICA



ORGANIC DO BRASIL

Tels: (35)-3593-1106/ (21)-8199-3000



A Terceira Ponte (também chamada Ponte Deputado Darcy Castelo) corta a Enseada do Suá, na Baía de Vitória. E, à direita, a moqueca capixaba preparada em panela de barro.

Uma delícia de ilha

Ela é uma das três capitais mais antigas do Brasil, tendo servido como um importante porto para os portugueses na época da colonização. Hoje, é uma das mais prósperas cidades do país.

O ano era 1535. Apenas 35 anos tinham se passado após o descobrimento do Brasil. Nessa época, os portugueses precisavam lutar contra invasões de outros europeus interessados na conquista daquelas terras novas, como holandeses, franceses e ingleses. E, na capitania do Espírito Santo — comandada por Vasco Fernandes Coutinho — havia uma baía muito interessante para a defesa portuguesa: o atual litoral de Vitória. Na verdade, Coutinho havia tomado posse da capitania em 23 de maio de 1535, no sopé do morro da Pe-

nha, em Vila Velha. Mas, ao explorarem a região, os portugueses perceberam que aquela bela região seria mais segura e, assim, aportaram em Santo Antonio.

Vitória é uma das três capitais mais antigas do Brasil, ficando atrás apenas de Recife e Salvador — e é, também, uma das três ilhas-capitais do país (as outras são Florianópolis e São Luís). E, nos 300 anos iniciais de sua história, seu papel fundamental foi ser uma vila-porto, enfrentando os europeus que vinham atrás de açúcar e pau-brasil. No início de sua colonização, no pequeno núcleo urbano que ia se

formando, havia “capixabas”, termo que significa “roças” em tupi-guarani. Essa expressão acabou servindo para denominar os habitantes da ilha e, posteriormente, todos os nascidos no Espírito Santo.

O mais interessante, contudo, é a origem do nome da cidade. Os índios que habitavam a região a chamavam de Guanani, que significa “Ilha do Mel”, pela beleza de sua geografia e amenidade do clima, e também pelo fato de a baía de águas viscosas e manguezal ser repleta de vida, como moluscos, peixes e pássaros. Mas, em 8 de setembro de 1551, quando os portugueses venceram uma acirrada batalha contra os índios Goitacazes, esse nome mudou. Entusiasmados pela vitória, passaram a chamar o local de Ilha de Vitória. Essa data, então, é o marco oficial da fundação da cidade.

NO SÉCULO XIX, TORNOU-SE CIDADE

Em 24 de fevereiro de 1823, Vitória



400 ANOS DE TRADIÇÃO CULINÁRIA

teve sua emancipação política, quando um decreto-lei imperial concedeu o título de cidade. A partir de meados do século XX, ela se transformou em função das mudanças econômicas ocorridas no Estado, e a ocupação urbana se estendeu por grande parte da ilha e avançou, definitivamente, em direção à porção continental do município. Hoje, a ilha de Vitória é formada por um arquipélago composto por 33 ilhas e por uma porção continental, totalizando 93,38 quilômetros quadrados. Sete pontes interligam a Ilha de Vitória ao continente,

Também no século XX, em função da ocupação dos morros que refletem as luzes das casas nas águas da baía, Vitória passou a ser também chamada de “Cidade Presépio do Brasil” e, depois, “Delícia de Ilha”. Realmente, essa ilha é uma delícia para o visitante, que se encanta com suas belezas naturais, suas tradições culturais e com seu crescimento notável. Vitória vem crescendo mais do que o índice médio brasileiro! O resultado disso se reflete na ótima estrutura disponível, hoje, para receber os turistas, sempre de forma muito amigável.

Ir a Vitória e não saborear uma moqueca capixaba feita na panela de barro é como ir a Roma e não ver o papa. Afinal, a produção artesanal desse tipo de panela é uma das maiores expressões da cultura popular da ilha e de todo o Espírito Santo. A técnica de produção e a estrutura social das artesãs pouco mudaram em mais de 400 anos, desde quando o artefato era produzido nas tribos indígenas. Só que, hoje, as artesãs estão vinculadas à Associação das Panelas de Goiabeiras – na qual o turista pode ir visitar e ter uma demonstração de como as panelas de barro são produzidas.

A arte de confeccionar essas panelas foi herdada das culturas tupi-guarani e transmitida por várias gerações. Para fazê-las, as artesãs de Vitória retiram a argila do Vale do Mulembá, no bairro Joana D’Arc, e as modelam manualmente. Depois de modeladas, as peças ficam em lugar ventilado e protegido do sol até secarem completamente. Só então é efetuada a queima, mas não em forno, e sim em fogueiras a céu aberto – método bastante primitivo adotado por tribos indígenas.

E ainda há o toque especial, que confere o diferencial a esse utensílio capixaba. Do manguezal que margeia a região de Goiabeiras, é extraída a casca da *Rhizophora mangle*, popularmente chamada de mangue vermelho. Essa casca permite extrair a tintura impermeabilizante de tanino, que confere a cor preta característica dessas panelas. Com a coloração escura da panela de barro, é possível obter uma melhor concentração do calor, facilitando, dessa forma, o cozimento e a conservação dos alimentos.

Graças a todo esse trabalho artesanal, desde 2002 o ofício de fazer panelas de barro é reconhecido nacionalmente como um Bem Cultural de Natureza Imaterial e recebeu o título de Patrimônio Cultural Brasileiro, concedido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Assim, quando o visitante for à Vitória, deve se lembrar de pedir em um dos muitos restaurantes a autêntica moqueca ou torta capixaba, dois pratos típicos regionais que só são servidos, por tradição, nas panelas de barro. São de lamber os beiços!

Quem visita a capital do Espírito Santo se encanta com suas belezas naturais e, também, com a cordialidade com que é recebido na ótima infraestrutura turística da região.



Modernidade aliada à natureza

O visitante que chega a Vitória — seja de avião, navio ou transporte terrestre — fica de queixo caído diante da beleza dessa cidade. Em uma perfeita comunhão entre natureza e modernidade, o que se vê são sete pontes interligando a ilha ao continente. O belo mar azul é a moldura perfeita para essa arquitetura engenhosa. Para completar, o turista se encanta com a hospitalidade com que é recebido, característica marcante dos moradores de Vitória. E isso não é tudo o que o espera: ainda há modernos hotéis e centros de eventos, além de bons bares e restaurantes.

Apreciar as paisagens do alto é possível em diversos points da cidade. Um deles é o Parque Municipal da Fonte Grande, que oferece uma vista privilegiada. Situado no Maciço Central da Ilha de Vitória, é a última área contígua de grande porte com vegetação característica de encostas da Mata Atlântica. O parque tem mirantes naturais, que proporcionam ângulos espe-

taculares de Vitória e seu entorno, sobretudo no ponto culminante, com quase 309 metros de altitude. Além disso, ao longo de 21,8 mil metros quadrados do parque, podem ser observados répteis, invertebrados, pequenos mamíferos e aves. Em suas encostas, estão localizadas várias fontes e bicas.

Outro mirante na cidade é a Praça do Papa, que oferece visão panorâmica da baía de Vitória, tendo ao fundo o Convento da Penha e a cidade de Vila Velha. Inaugurada em 2008, nela se encontra a Cruz Reverente, monumento comemorativo à visita do papa João Paulo II ao local, em 1991. Concebido pelo escultor gregolanniss Zavoudakis, radicado no Espírito Santo, trata-se de uma cruz de aço, curvilínea, que traz no alto uma pomba branca, simbolizando o Espírito Santo, da Santíssima Trindade. A praça possui parque infantil, restaurante, lanchonetes e uma trilha, que leva à Reserva Ecológica Ilha do Papagaio, onde também há um mirante.

PRAIAS BOAS PARA VELEJAR

Curtir as praias de Vitória também é uma boa pedida. A Praia de Camburi, por exemplo, é uma ótima opção para o passeio ao ar livre e a prática de esportes. Localizada ao Norte da cidade, é a única praia da capital que fica na área continental. Com seus seis quilômetros de extensão, é completamente urbanizada e arborizada. O mar de Camburi é considerado um dos melhores lugares para velejar no Brasil, sendo excelente para passear de veleiro e praticar windsurfe e kitesurf. O calçadão tem uma pista específica para corrida, caminhadas, passeios de bicicleta, skate e patins. Também conta com quiosques e decks de madeira com mesinhas para os clientes poderem comer e beber.

Já a praia das Castanheiras, embora seja pequena, tem na beleza e na sombra das suas castanheiras a grande atração para seus frequentadores. Ela agrada por conta de suas pequenas piscinas naturais,

A Ponte da Passagem e a Passarela Maurício de Oliveira, erguidas em 2009, viraram cartão postal da cidade. À direita, a praia de Camburi e a vista proporcionada pelo Parque Municipal da Fonte Grande.



Divulgação/Yuri Borichivich - Prefeitura de Vitória



entre pedras, propícias para as crianças, e também pelo mar aberto, para quem prefere dar longas braçadas. Situada na ilha do Frade, seu acesso é feito por escada ou caminhando entre as rochas.

Outra boa pedida é a praia Grande (ou praia da Esquerda), na Ilha do Boi. Com extensão de 140 metros, possui águas tranquilas e claras. É um recanto natural e com sombras proporcionadas por árvores. Na mesma ilha, há ainda a praia Pequena (ou praia da Direita). Ambas se encontram a poucos minutos da praia do Canto e de Jardim da Penha, pontos de encontro dos jovens da cidade e excelentes para a prática de stand-up paddle (esporte no qual se rema de pé sobre uma prancha).

PONTES COMPLETAM A PAISAGEM

Como toda ilha-capital que se preze, Vitória apresenta belas pontes. A Ponte da Passagem, por exemplo, impressiona pelo design moderno e arrojado, ligando a parte continental de Vitória e o município de Serra. Inaugurada em 2009, é considerada um dos cartões postais da cidade: imponente nos seus 55 metros de altura, o que equivale a um prédio de oito andares, com 270 metros de extensão e 22,2 metros de largura.

Ao lado da ponte se encontra a Passarela Maurício de Oliveira, com 134 metros de comprimento por seis de largura, destinada a pedestres e ciclistas atravessarem o Canal de Camburi. Seu design se complementa ao da Ponte da Passagem, garantindo a mobilidade aos moradores da região.

Para completar o passeio, não se pode deixar de fora o circuito histórico da cidade. Afinal, o patrimônio do Centro de Vitória é mais antigo do que o das cidades de Ouro Preto (MG) e de São Paulo. Assim, quando se chega ao Centro, é possível encontrar edificações em excelente estado de preservação, construídas a partir da primeira metade do século XVI, quando o rei português Dom João III introduziu o sistema de donatários para cada capitania.

Antes mesmo de a cidade de Vitória ter sido fundada, a Capela de Santa Luzia foi construída por Duarte de Lemos, provavelmente após sua chegada à capitania, em 1537. Ela foi erguida sobre uma pedra,

na região atualmente chamada de Cidade Alta. É a construção mais antiga de Vitória — e uma das mais antigas do Brasil.

Os visitantes podem conhecer um pouco dessa história participando das visitas gratuitas aos monumentos do Centro Histórico de Vitória. Dos 51 pontos de interesse turístico e cultural que integram a área, sete são monitorados regularmente pelo projeto Visitar e ficam abertos à visitação de terça a domingo, inclusive feriados, das 9 às 17 horas. São eles: a Catedral Metropolitana, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, o Convento São Francisco, a Igreja de São Gonçalo, o Theatro Carlos Gomes e a Capela Santa Luzia. O atendimento é realizado por monitores capacitados, que apresentam aspectos históricos, arquitetônicos e culturais de cada espaço. Informações pelos telefones (27) 3235-7078 e 3235-2002 ou pelo e-mail projetovisitar@vitoria.es.gov.br. Imperdível!

Rio de Janeiro

Museus

ILHA FISCAL — Cenário do último baile do Império, realizado alguns dias antes da Proclamação da República. Seu castelo é aberto à visitação, onde há três exposições permanentes contando a história da ilha e da Marinha. O acesso é feito por uma escuna, que sai do Espaço Cultural da Marinha. De quinta a domingo, saídas às 12h30, 14 horas e 15h30. **Avenida Alfredo Agache s/nº, próximo à Praça XV, Centro. Tels.: (21) 2233-9165.**

MUSEU DE ARTE MODERNA (MAM) — O prédio está instalado em meio a jardins no Aterro do Flamengo, junto a Baía de Guanabara. Possui uma coleção com cerca de 1.700 obras, entre pinturas, esculturas e gravuras de artistas brasileiros e estrangeiros. De terça a sexta, das 12 às 18 horas, sábados e domingos, das 12 às 19 horas. **Avenida Infante Dom Henrique, 85, Centro. Tel.: (21) 2240-4944**

MUSEU DE ARTE DO RIO (MAR) — Está instalado em dois prédios interligados: o Palacete Dom João VI, tombado e eclético, e o edifício vizinho, de estilo modernista. O antigo palacete abriga as salas de exposição do museu. O prédio vizinho é o espaço da Escola do Olhar, que é um ambiente para produção e provocação de experiências, coletivas e pessoais. De terça a domingo, das 10 às 17 horas. **Praça Mauá, 5, Centro. Tel.: (21) 2203-1235.**

Parques

FLORESTA DA TIJUCA — Localizada no coração da cidade, a poucos minutos da maior parte dos bairros do Rio, é uma deslumbrante floresta urbana em uma área de cerca de 3.200 hectares. Mescla centenas de espécies da fauna e da flora só encontradas na Mata Atlântica. Possui atrativos históricos, como a Cascatinha, a Capela Mayrink, o Mirante Excelsior e a Vista Chinesa. Diariamente, das 8 às 17 horas. **Estrada da Cascatinha, 850, Alto da Boa Vista. Tel.: (21) 2492-2252.**

JARDIM BOTÂNICO — Abriga as mais raras espécies de plantas da flora brasileira e de outros países. Entre os cerca de 8.200 exemplares da coleção viva do jardim, as atrações ficam por conta de palmeiras imperiais e espécies em extinção, como pau-brasil, aracá amarelo e pau mulato. Diariamente, das 8 às 17 horas. **Rua Jardim Botânico, 1.008, Jardim Botânico. Tel.: (21) 3874-1214.**



PARQUE LAGE — Localizado entre as encostas do morro do Corcovado e o Jardim Botânico, conta com áreas para piquenique, lagos e trilhas, em 52 hectares de mata exuberante. Possui um belo casarão, construído em torno de uma piscina, com mármore, azulejos e ladrilhos importados da Itália. As pinturas decorativas dos seus salões foram assinadas por Salvador Paylos Sabaté. Diariamente, das 8 às 17 horas. **Rua Jardim Botânico, 414. Tel.: (21) 3257-1840.**

QUINTA DA BOA VISTA — O parque faz parte do Solar da Boa Vista, residência real e dos imperadores do Brasil de 1822 e 1889. Possui uma área de 155 mil m², ajardinada em 1869 pelo paisagista francês Auguste Glazou. Conta com lagos, grutas e recantos nos seus jardins imperiais. Em seu interior, há o Jardim Zoológico do Rio de Janeiro. Diariamente, das 9 às 17 horas. **Av. Pedro II, s/no, São Cristóvão. Tel.: (21) 2589-4279.**

São Paulo

Museus

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA — Dedicado à valorização e difusão de nosso idioma. Usa tecnologia de ponta e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos. Mostra a língua como elemento fundamental e fundador da nossa cultura. Terça, das 10 às 22 horas; de quarta a domingo, das 10 às 18 horas. **Praça da Luz, s/no, Centro. Tel.: (11) 3322-0080.**

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP) — É considerado o mais importante museu de arte do Hemisfério Sul, por possuir o mais rico e abrangente acervo. São cerca de 8 mil peças, em sua grande maioria de arte ocidental, desde o século IV a.C.



Rio: a Praça Mauá se revitalizou com o Museu de Arte do Rio; o Parque Lage convida para o passeio (foto à direita); e a Ilha Fiscal é um mergulho no passado (abaixo).



Corredor cultural

aos dias de hoje. De terça a domingo, das 10 às 18 horas; quinta, das 10 às 20 horas. **Avenida Paulista, 1.578, Bela Vista. Tel.: (11) 3251-5644.**

PÁTIO DO COLÉGIO – Com quase 450 anos de muita história para contar, abriga um museu, a cripta de José de Anchieta, a igreja no local onde foi realizada a primeira missa da cidade e uma biblioteca temática. De terça a domingo, das 9 às 17 horas. **Praça Patteo do Collegio, 2, Centro. Tel.: (11) 3105-6899.**

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO – É um museu de artes visuais, com ênfase na produção brasileira do século XIX até a contemporaneidade. Fundado em 1905, é o museu de arte mais antigo da cidade. Está instalado no antigo edifício do Liceu de Artes e Ofícios, projetado no final do século XIX. De terça a domingo, das 10 horas às 17h30; quinta, das 10 às 22 horas. **Praça da Luz, 2, Luz. Tel.: (11) 3324-1000.**

Parques

PARQUE DA ÁGUA BRANCA – Inaugurado em 1929, oferece muitas atividades para crianças, como brinquedoteca, espaço de leitura infantil e parque de diversão permanente. Possui tanques com carpas e tartarugas, além de pavões e outras aves soltas pelo parque. Há também um aquário com as principais espécies das bacias hidrográficas de São Paulo. Segunda, das 13 às 17 horas; de terça a domingo, das 9 às 17 horas. **Avenida Prof. Francisco Matarazzo, 455, Barra Funda. Tel. (11) 3865-4131.**

PARQUE IBIRAPUERA – É o mais importante parque urbano da cidade. Possui museus, obras de arte, pista para caminhada, aparelhos de ginástica, ciclovias, quadras, planetário, museu e programação artística variada. Diariamente, das 5 horas à meia-noite. **Avenida Pedro Álvares Cabral, Vila Mariana. Tel.: (11) 5574-5045.**

PARQUE VILLA-LOBOS – Possui 732 mil m² de área verde com ciclovia, quadras, bosque, campos de futebol, playground, aparelhos de ginástica, pista de cooper e tabelas de street basketball. Inclui o Orquidário Ruth Cardoso e o Ouvillas, espaço ao ar livre com taludes, bancos e espreguiçadeiras para que os visitantes apreciem apresentações musicais. Diariamente, das 5h30 às 19 horas. **Avenida Professor Fonseca Rodrigues, 2.001, Alto de Pinheiros. Tel.: (11) 3021-6285.**

Em São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa fica no histórico edifício Estação da Luz.



Belo Horizonte

Igrejas

CATEDRAL DA NOSSA SENHORA DA BOA VIAGEM – Construída onde, na época colonial, em Curral del Rei, havia uma capela de pau-a-pique, que foi substituída anos depois por uma matriz maior. Em 1897, foi destruída e, em 1932, já estava construída a igreja atual. Em 1977, foi tombada pelo governo de Minas Gerais. De terça a domingo, das 6 às 22 horas. **Rua Sergipe, 175, Funcionários. Tel.: (31) 3222-2361.**

IGREJA SÃO FRANCISCO DE ASSIS – Inaugurada em 1943, com linhas arrojadadas, apresenta mosaicos nas laterais da nave. Seu interior abriga a Via Sacra, constituída por 14 painéis de Portinari, considerada a sua obra mais significativa. Os jardins são

assinados por Burle Marx. De terça a sábado, das 8 às 17 horas; domingo, das 9 às 14 horas. **Avenida Otacílio Negrão de Lima, 3.000, Pampulha. Tel.: (31) 3427-1644.**

Museus

CENTRO DE ARTE POPULAR CEMIG — Possui acervo de aproximadamente 800 peças, entre criações que remetem a pinturas rupestres e outras que dialogam com os grafites urbanos. É um espaço aberto às mais diversas manifestações da arte popular, entre esculturas, pinturas e desenhos. O edifício dispõe de quatro salas de exposições de longa duração, além de um ambiente para mostras temporárias. Terças, quartas e sextas, das 10 às 19 horas; quintas, das 12 às 21 horas; sábados, das 12 às 19 horas. **Rua Gonçalves Dias, 1.608, Lourdes. Tel.: (31) 3222-3231.**

ESPAÇO DO CONHECIMENTO UFMG — É um espaço de formação e divulgação científica, criado para aproximar a população do conhecimento através de recursos tecnológicos e audiovisuais, de maneira lúdica e interativa. Física, filosofia, antropologia, arqueologia, biologia, literatura, linguística e ecologia são alguns dos temas explorados nos quatro andares do edifício. De terça a domingo, das 10 às 17 horas, e quintas, das 10 às 21 horas. **Possui um planetário de última geração. Praça da Liberdade, s/no. Tel.: (32) 3409-8350.**

MUSEU INIMÁ DE PAULA — É uma casa que conta a vida

desse artista. O acervo apresenta quadros de sua coleção particular (como obras de Van Gogh, Monet, Rembrandt, Cezanne, Gauguin, El Greco, Picasso, Salvador Dali, Miró e Di Cavalcanti), autorretratos, desenhos, tapetes e um farto material que fazia parte de seu ateliê. Terças, quarta, sextas e sábados, das 10 às 19 horas; quintas, das 12 às 21 horas; domingos, das 12 às 19 horas. **Rua da Bahia, 1.201, Centro. Tel.: (31) 3213-4320.**

Parques

PARQUE DA SERRA DO CURRAL — Tombada pela Lei Orgânica do Município e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Serra do Curral é o marco geográfico mais representativo de Belo Horizonte. O parque abrange uma área de 400 mil m², com trilhas, mirantes e espaços para a prática de caminhada, para o descanso e a contemplação. De terça a domingo, das 8 às 17 horas. **Avenida José do Patrocínio Pontes, 1951, Mangabeiras. Tel.: (31) 3277-8120.**

PARQUE ECOLÓGICO DA PAMPULHA — Proporciona passeios por 300 mil m² de área verde. Construído às margens da Lagoa da Pampulha, possui espécies arbóreas representativas de três biomas brasileiros: Mata Atlântica, Cerrado e Floresta Amazônica. De terça a quinta (para grupos agendados) e de sexta a domingo, das 8h30 às 17 horas. **Avenida Otacílio Negrão de Lima, 6.061, Pampulha. Tel.: (31) 3277-7439.**





Em Vitória, o Parque Pedra da Cebola conta com uma grande pedra esculpida semelhante a uma cebola.

Divulgação/Prefeitura de Vitória

Vitória

Artesanato

ASSOCIAÇÃO DAS PANELEIRAS DE GOIABEIRAS –

Conserva a tradição de mais de 400 anos da feitura das painéis de barro. Para a visita de grupos, deve-se agendar visita por telefone. De segunda a sábado, das 8 às 18 horas. **Rua das Panelas, 55, Goiabeiras. Tel. (27) 3327-0519.**

MERCADO CAPIXABA –

Possui formas ecléticas e neoclássicas. Tombado em nível estadual, o prédio foi inaugurado em 1926. Oferece artesanatos em argila, palha, bambu, entre outros. De segunda a sexta-feira, das 8h30 às 19 horas; sábado, das 8 às 16 horas. **Avenida Princesa Isabel, 251, Centro. Telefone: (27) 3322-6805.**

MERCADO SÃO SEBASTIÃO –

O Centro de Referência do Artesanato Capixaba funciona nesse mercado, cujo prédio, construído na primeira metade do século XX, é no estilo neocolonial. O espaço abriga exposições de artesãos e comercialização de produtos. De terça a sexta, das 14 às 20 horas; sábado, das 10 às 18 horas. **Avenida Paulino Muller, Jucutuquara. Tel.: Telefone: (27) 3222-3047.**

Museus

MUSEU CAPIXABA DO NEGRO (MUCANE) –

É um espaço de convergência de diversos serviços destinados à população negra. O prédio desse museu é remanescente da arquitetura de estilo eclético do início do século XX. O local foi totalmente res-

taurado e modernizado e está equipado com auditório, biblioteca, área para eventos, museu e mezaninos. De terça a domingo, das 9 às 17 horas. **Avenida República, 121, Centro. Tel.: (27) 3132-8351.**

MUSEU DO PESCADOR –

Voltado principalmente para a relação dos moradores com o mar e o manguezal, já que a região é rica na tradição das famílias de pescadores, esse museu busca fortalecer a identidade local. Boa parte do seu acervo é proveniente do encontro com os moradores locais, que abastecem o espaço com objetos e até depoimentos. De segunda a sexta, das 13 às 17 horas. **Rua Felicidade Correia dos Santos, s/no, Ilha das Caieiras. Tel.: (27) 3132-8372.**

Parques

PARQUE ESTADUAL DA FONTE GRANDE –

É a última área contígua de grande porte na cidade, com vegetação característica de encostas da Mata Atlântica. Oferece uma vista privilegiada de Vitória. Possui 21,8 mil m² de natureza, com pequenos animais e várias fontes e trilhas. De terça a domingo, das 8 às 17 horas. **Rodovia Serafim Derenzi, s/no. Tel.: (27) 3381-3521.**

PARQUE PEDRA DA CEBOLA –

Possui exemplares de Mata de Restinga e de Mata Atlântica, além de vegetação rupestre nativa do local. Com mais de 100 mil m², conta com parque, lagos, campo de futebol, jardim oriental e mirante. Seu nome deriva de uma grande pedra esculpida pela natureza, que se “descama” de maneira similar a uma cebola. Segunda, das 5 às 9 horas e das 17 às 22 horas; de terça a domingo, das 5 às 22 horas. **Avenida João Batista Celestino, s/no. Tel.: (27) 3327-4353.**

#vamaisslonge

Ministério das
Comunicações

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Se tem
cultura,
arte e
emoção,
tem o nosso
patrocínio.

correios.com.br

Fale com os Correios: correios.com.br/falecomoscorreios
CAC: 3003 0100 ou 0800 725 7282 (informações) e
0800 725 0100 (sugestões e reclamações)
Ouvidoria: correios.com.br/ouvidoria
SIC: correios.com.br/acessoainformacao

Os Correios são um dos maiores patrocinadores da cultura no Brasil. E vão investir cada vez mais para que todo brasileiro tenha mais acesso à música, teatro, cinema, dança, circo e tudo o que traz novas experiências e novas emoções para você ir mais longe.



PORTAL ECODEBATE CIDADANIA & MEIO AMBIENTE

O PARAÍSO NÃO ESTÁ PERDIDO

SE VOCÊ BUSCA ALTERNATIVAS CAPAZES
DE VIABILIZAR UM MUNDO MELHOR,
JUNTE-SE A NÓS NA DISCUSSÃO
DOS PROBLEMAS, DESAFIOS E AMEAÇAS
À SUSTENTABILIDADE DE NOSSO PLANETA.



**AQUI VOCÊ ENCONTRA A INFORMAÇÃO FUNDAMENTAL
PARA A COMPREENSÃO CRÍTICA DA REALIDADE**

www.ecodebate.com.br